

DOI: [https://doi.org/ 10.22456/1982-8136.89857](https://doi.org/10.22456/1982-8136.89857)SAMSARA¹*John Fahy*²

Nos últimos dois séculos, Kumartuli, em Calcutá, foi o lar de uma colônia artesanal de ceramistas (*Kumars*). Kumartuli (do bengali: *kumar*, que significa “esculpir” e *tuli*, que significa “lugar”) foi um dos vários distritos de ocupação similares criados no século XVIII pela Companhia Britânica das Índias Orientais; outros incluíam *Chuttarparah*, “o lugar dos carpinteiros” e *Suriparah*, “o lugar dos vendedores de vinho”. A maioria dos cerca de 400 Kumars em Calcutá hoje é de descendentes de artistas que migraram de Krishnanagar, perto da fronteira com Bangladesh, no final do século XIX (Sen, 2016; Heirestad, 2017). Originalmente conhecidos por suas painéis e utensílios de argila, eles logo começaram a se especializar na construção de grandes *murtis* (divindades), pelos quais são hoje renomados no mundo todo. Enquanto os Kumars estão ocupados durante o ano todo com encomendas de estátuas de populares ícones culturais indianos – de escritores a combatentes da liberdade – a colônia é mantida viva pelo festival anual Durga Puja.

Durga Puja é um festival de outono pós-moção (em setembro/outubro) particularmente popular em Bengala Ocidental e em alguns outros estados orientais como Odisha, Assam e Bihar. Coincide com o festival Navratri (*Navratri* significa “nove noites”), que é celebrado em toda a Índia (ver Simmons; Sen; Rodrigues, 2018). Durga Puja comemora a vitória da deusa Ma Durga sobre o demônio búfalo *Mahishasura* e, num sentido mais geral, o triunfo do bem sobre o mal. Enquanto Ma Durga é a principal protagonista, outras divindades proeminentes são seus quatro filhos; Lakshmi (deusa da

¹ Tradução de Julio Cortijo.

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Cambridge. Pesquisador da Universidade de Georgetown, no Catar, e do Instituto Woolf, em Cambridge. Atualmente conduz um projeto de pesquisa comparativa sobre iniciativas inter-religiosas em Doha, Nova Delhi e Londres.

prosperidade), Saraswati (deusa do conhecimento e música), Kartikeya (deus da guerra) e Ganesha (removedor de obstáculos). Em outras partes da Índia, Durga Puja é um festival de nove ou dez dias, mas em Bengala Ocidental, onde é até mesmo maior do que o Diwali, os eventos acontecem ao longo de cinco dias (Durga Puja começa no sexto dia de Navratri). O festival é centrado na história de Ma Durga, mas também abrange a recitação das escrituras e a lembrança dos entes queridos que morreram.³

Ao longo dos cinco dias de Durga Puja, uma atmosfera febril de carnaval toma conta de Calcutá. Trupes de bateristas tocam *dhaks* (bateria) enquanto a música retumba de velhos oradores nas ruas. Ao redor da cidade, milhares de *pandals* (templos improvisados), às vezes com vários andares, e abrigando uma variedade de divindades de tamanho descomunal, aparecem em todas as esquinas. Foliões reúnem-se aos milhões para ter um vislumbre de Ma Durga em pé triunfante sobre o demônio *Mahishasura*. Ela é tipicamente representada com dez braços, montada em um leão e acompanhada por seus quatro filhos. Diferentes distritos são bem conhecidos por abrigarem os mais elaborados *pandals*, e multidões descem todas as noites para ouvir poesia e música, encontrar amigos e familiares e avaliar a eclética variedade de oferendas aos deuses. Enquanto o próprio Durga Puja dura apenas cinco dias, no entanto, a preparação em Kumartuli começa com meses de antecedência.

³ Para mais detalhes sobre os aspectos litúrgicos de Durga Puja, ver Rodrigues, 2003.



Vários meses antes do Durga Puja, os Kumars começam a coletar as matérias-primas necessárias para criar os murtis; a mais importante delas sendo a argila. A argila é composta em maior parte por solo das margens do rio Hugli, mas devido a razões ritualísticas, o solo de “territórios proibidos”, como bordéis, é adicionado à mistura (Chatterjee, 2004, p. 64). Muito parecido com uvas no processo tradicional de vinificação, os Kumars, em seguida, pisam a mistura de solos em uma consistência viável de se trabalhar. Esta é uma tarefa demorada e pouco invejável nos meses de verão sufocante.



Camadas de argila são adicionadas a molduras de madeira embrulhadas com palha, o que dá aos murtis sua forma básica. Essas molduras são criadas para suportar várias divindades e demônios em poses padronizadas, geralmente representando episódios populares dos épicos. No período que antecede o Durga Puja, a Rua Banamali Sarkar, que atravessa o coração de Kumartuli, enche-se lentamente de murtis semiacabados.



Em toda a rede de pequenos e sinuosos becos que compõem Kumartuli, os Kumars trabalham incansavelmente em oficinas apertadas contra prazos exigentes. Depois de seca, a primeira camada de argila precisa ser tratada e as rachaduras precisam ser preenchidas antes de se passar para o trabalho de detalhamento. A tarefa é dificultada em grandes proporções pelas condições úmidas das monções. Depois que o murti toma forma, detalhes que rivalizariam os frisos do Partenon são meticulosamente adicionados para trazê-los à vida.



Enquanto a maioria dos Kumars está trabalhando em divindades de tamanho descomunal, existem alguns que trabalham com escalas menores. Cada peça, independentemente do tamanho, é feita à mão com cuidadosa reverência e cuidado.



Depois que os detalhes foram adicionados, os murtis são pintados em cores brilhantes e adornados com as melhores roupas de seda, joias ornamentadas e até mesmo perucas. Eles são ritualmente consagrados e “despertados” (*bodhana*) antes de serem entregues aos vários bairros de Calcutá, onde são alojados nas esquinas das ruas em *pandals*. Eles permanecem em exibição durante os cinco dias do festival e são adorados como as divindades de pedra de um templo.



No último dia do festival (*Vijaya Dasami*), as ruas de Calcutá estão cheias de caminhões que transportam os murtis de toda a cidade para as margens do rio Hugli. Cantando *bhajans* (hinos) e manchando com vermelhão as testas um do outro, os devotos se amontoam na parte de trás dos caminhões para acompanhar os deuses em uma procissão caótica.





Cada bairro se reúne para trazer os murtis que eles encomendaram (com preços nada modestos) de volta ao rio. Dado o seu tamanho, esta não é uma tarefa simples e muito planejamento logístico é necessário. Uma vez que eles chegam, os devotos lutam para encontrar uma maneira de remover os murtis do caminhão e trazê-los intactos para a beira do rio. Esta é a última chance que eles têm de mostrar a qualidade de sua encomenda.



A tarefa é tipicamente executada por um grupo de homens, geralmente em meio a gritos altos e batidas de tambores. Por sua vez, eles descem a margem do rio, onde despejam (des)cerimoniosamente as divindades no rio, de onde vieram.



Depois de meses de trabalho incansável e alguns dias de adoração ritualística, os murtis são destruídos em massa. Enquanto, tradicionalmente, eles seriam deixados flutuando auspiciosamente rio abaixo, dada a escala de Durga Puja em Calcutá (uma cidade com uma população de quase 5 milhões), e o grande volume de *pandals* produzidos, por razões ambientais, os murtis são pescados da água por guindaste a poucos metros de onde eles foram despejados.





Em um ritual microc3smico que simbolicamente espelha o ciclo hindu de morte e renascimento (*samsara*), os murtis s3o adicionados a uma pilha divina de tecido e barro, esperando, como devem, o Durga Puja do pr3ximo ano para serem despertados uma vez mais pelos ceramistas de Kumartuli.

REFERÊNCIAS

- CHATTERJEE, Jayabrato. *Kolkata: the Dream City*. New Delhi: UBSPD, 2004.
- HEIERSTAD, Geir. *Caste, Entrepreneurship and the Illusions of Tradition: branding the Potters of Kolkata*. London; New York: Anthem Press, 2017.
- RODRIGUES, Hillary. *Ritual Worship of the Great Goddess: the Liturgy of the Durga Puja with Interpretations*. Albany: SUNY Press, 2003.
- SEN, Moumita. Craft, identity, hierarchy: the Kumbhakars of Bengal. In: CHANDRA, Uday; HEIERSTAD, Geir; BO NIELSEN, Kenneth (Ed.). *The Politics of Caste in West Bengal*. Oxford; New York: Routledge, 2016. p. 216-239.
- SIMMONS, Caleb; SEN, Moumita; RODRIGUES, Hillary. *Nine Nights of the Goddess: the Navaratri Festival in South Asia*. Albany: SUNY Press, 2018.

Recebido em: 23/07/2018

Aprovado em: 26/07/2018

